

Como narrar a voz do outro? Uma conversa sobre o(s) retrato(s) do regionalismo brasileiro oitocentista com Ana Karla Canarinos

Prof.^a Dr.^a Ana Karla Carvalho Canarinos (UERJ)

Entrevistadoras:

Ana Beatriz Morais de Souza (UERJ)

Ana Carolina Ramiro Amorim (UERJ)

É com muito entusiasmo que anunciamos a entrevista nacional da edição número 50 da *Palimpsesto* – a revista do corpo discente do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ – com a Professora Doutora Ana Karla Carvalho Canarinos.

Ana Karla Canarinos é Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Paraná e Mestre em Letras (Estudos literários), pela mesma instituição, com mestrado em Études Lusopohones pela Université Lumière Lyon 2. É também Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP. Atua como professora Adjunta de Literatura Brasileira na UERJ, onde desenvolve pesquisa em teoria literária e literatura brasileira, é coordenadora da Especialização em Literatura Brasileira (UERJ) e atualmente coordena o projeto “Regionalismos e ensino de literatura brasileira”. Publicou o livro *Além da Formação: teoria e crítica literárias no Brasil em chave comparativa (anos 1960-1980)* (2024) e participou da organização de diversas obras, como *Questões linguísticas, literárias, artísticas e históricas em países de língua portuguesa* (2025), *Leituras do Brasil: Literatura, teoria e sociedade* (2025), *Literatura Brasileira em Foco XI: cânone, crítica e revisão* (2025), *Há mundo por vir? Sousândrade pela crítica contemporânea* (2025) e *Literatura brasileira em foco X: cânone: margens e rupturas* (2024). Além disso, possui diversos artigos e capítulos de livro publicados na área dos estudos literários brasileiros, como “Um debate sobre a intraduzibilidade do regionalismo brasileiro”, “Regionalismo revisitado: linguagem, narração, tradução” e muitos outros.

A contribuição da professora Ana Karla neste espaço representa não só uma honra, mas também uma valiosa oportunidade para aprofundarmos diversas reflexões críticas importantes na área dos Estudos de Literatura – mais especificamente da Literatura

Brasileira. Nesta entrevista, somos convidados a refletir sobre certas questões em torno da representação de determinados personagens presentes nos romances regionalistas do Brasil do século XIX. Pensar sobretudo as variadas formas de tradução desse regionalismo, o papel do narrador desses textos e a problemática elaboração dos personagens pobres nessas obras, a partir de todo um contexto histórico, cultural e literário que influencia na construção narrativa, é o ponto-chave da conversa. A professora nos mostra, a partir de um impressionante embasamento teórico, como se dá a complexidade do retrato do sertanejo que se encontra nos romances brasileiros da década de 1870, instigando-nos a analisar essas obras com uma outra perspectiva literária.

Agradecemos imensamente a generosa disponibilidade da professora Ana Karla Canarinos em compartilhar sua experiência, suas perspectivas, suas hipóteses e os resultados de seu projeto de pesquisa conosco. Sem dúvidas, suas falas enriquecem imensamente este número da *Miscelânea*, reafirmando o compromisso da revista *Palimpsesto* com a excelência acadêmica e o diálogo aprofundado. Esperamos que os leitores apreciem!

PALIMPSESTO

1) Você propõe, em seu artigo “Um debate sobre a intraduzibilidade do regionalismo brasileiro” (Canarinos, 2024), uma ruptura com a tradição crítica e historiográfica brasileira que trata a estética regionalista como “um déficit formal que precisa ser superado” (p. 162) e, conseqüentemente, um sintoma do “subdesenvolvimento” do país. Através da sua leitura – com a perspectiva da tradução (em oposição à aclimação) – observamos que você propõe uma outra forma de análise para o papel do realismo e das estratégias formais utilizadas para representar as vozes dos personagens sertanejos e marginalizados nos romances regionalistas. Na sua opinião, enquanto pesquisadora e estudiosa da crítica literária brasileira, qual é o peso crítico dessa leitura singular para os estudos da estética regionalista na atualidade?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Antes de responder à questão, gostaria de agradecer ao gentil convite das editoras de revista *Palimpsesto*. Da mesma forma, acho importante retomar um pouco da minha

trajetória intelectual para explicar como cheguei ao tema do regionalismo – meu objeto atual de pesquisa. Eu iniciei a leitura dos romances regionalistas do século XIX brasileiro quando eu ainda estava na iniciação científica, na graduação na UFPR. No doutorado, o tema retornou como um problema, mas a partir de uma perspectiva distinta: a da história da crítica. Na minha tese de doutorado *Além da formação* (2024), eu selecionei três eixos para pensar as convergências e as divergências críticas e teóricas entre Roberto Schwarz, Silviano Santiago, Luiz Costa Lima e José Guilherme Merquior: o estruturalismo, o regionalismo e o modernismo. A discussão sobre o estruturalismo foi muito polêmica, inclusive porque o debate da teoria se misturou com os embates políticos por conta do contexto repressivo da Ditadura Militar. Flora Sussekind, em *Literatura e vida literária* discorre detalhadamente os pontos de vista a respeito da chegada da teoria literária ao Brasil, bem como suas relações políticas.

Retomando a pergunta sobre o regionalismo, os posicionamentos críticos convergem em grande medida, principalmente a respeito do regionalismo romântico. Lúcia Miguel Pereira, em *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*, aponta que “a haver, com efeito, uma constante na nossa literatura, será a da predominância da observação sobre a invenção, pouco inclinados às abstrações, os nossos escritores, ainda os românticos, lidaram [...] com a realidade” (Miguel-pereira, 1988, p. 175). O déficit da prosa regionalista “cai frequentemente num artificialismo quase teatral: a língua, os gestos, os sentimentos típicos demais emprestam às figuras aparência de atores” (Miguel-pereira, 1988, p. 176). Agrippino Grieco, em *Evolução da prosa brasileira*, destaca que “em geral, são os nossos regionalistas de um realismo primário, que deve representar não só a ingenuidade, mas também a preguiça, horror à cultura, aversão à língua e à arte de escrever” (Grieco, 1947, p. 102). Antonio Candido, no famoso texto “Literatura e a formação do homem”, também vai caracterizar a estética regional como sintoma de subdesenvolvimento. Quando Agrippino Grieco afirma que os nossos regionalistas elaboram esteticamente um “realismo primário”, ele está reiterando a existência de um descompasso entre o realismo europeu e aquilo que é de fato formalizado no romance brasileiro do século XIX. O déficit formal se dá tanto pelo excesso de observação, cuja ação impede o fortalecimento da imaginação, quanto pela disjunção entre a linguagem do narrador culto e a personagem iletrada. Sob este aspecto, a aclimatação da forma romance, bem como do realismo, pressupõe uma hierarquização estética, na qual o romance

regionalista do século XIX é sempre rebaixado, seja como realismo primário, seja como subdesenvolvido ou como deficitário.

Em contrapartida, pensar a tradução, tanto da forma romance quanto do realismo, propicia a possibilidade de ver o regionalismo como uma estética que valoriza as diferenças, justamente por abarcar a convivência entre várias línguas – a do narrador culto e a do personagem iletrado –, dentro de uma mesma. O lugar intervalar entre a cultura do narrador e a cultura do sertanejo seria justamente o elemento que desvelaria a própria ficcionalidade do regionalismo, ao mesmo tempo que revela a inventividade da literatura brasileira. A intraduzibilidade do regionalismo, ou seja, as múltiplas possibilidades de tradução, rompe com o critério documental e enfoca a diferença e a invenção.

PALIMPSESTO

2) As ponderações de Jaques Rancière (*O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*, 2017), a respeito do romance realista, são fundamentais para compreendermos o efeito estético da entrada de sujeitos considerados insignificantes e marginalizados socialmente, na ficção. De acordo com a sua análise, quando esses sujeitos se apresentam como personagens nos romances regionalistas, essa questão se torna mais interessante. Considerando a aproximação que você realiza entre a noção de “democracia literária”, proposta na reflexão de Rancière, e as estratégias formais de representação das vozes dos personagens sertanejos, você poderia dimensionar o quanto o regionalismo brasileiro apresenta um efeito singular a partir dessa conformação literária?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Um dos grandes impasses da estética regionalista reside no problema da representação. Como dar voz ao personagem pobre? De acordo com a política da ficção de Jacques Rancière, o realismo foi o responsável por incluir o “trabalhador rural, palafrenero, mendigo, ajudante de cozinha, ajudante de boticário, coveiro, vagabundo e a mulher que lava a louça” (Rancière, 2017, p. 23). Antonio Candido, na *Formação da literatura brasileira*, afirma que “quanto à matéria, o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes; ou melhor, pendeu desde cedo para a descrição dos tipos humanos e formas de vida social nas cidades e no campo” (Candido, 2012, p. 586). O crítico assume que o início de nossa ficção está atravessada pela presença massiva dos

pobres, jagunços, matutos, sobretudo nos romances rurais. Como já mencionamos anteriormente, é um senso comum considerar o romantismo como o prenúncio da estética regionalista, cuja função é perpassada pela descrição de “tipos humanos, paisagens e costumes considerados tipicamente brasileiros” (Candido, 2012, p. 87) através de uma notação verista e pitoresca. E isso pode nos levar a pensar que a ficção brasileira nasceu na ordem estética, de acordo com a teoria da política da ficção de Rancière.

No entanto, a distinta temporalidade no que diz respeito à consolidação do regime capitalista no Brasil complica o problema. As nossas personagens pobres não são pequeno-burguesas, como é o caso do trabalhador rural na França, e um dos “nós” é obviamente a permanência da escravidão. Os problemas advindos dos impasses em torno da “revolução burguesa” no país trazem questões linguísticas, formais e estruturais para a forma romance nacional, e a crítica literária, em grande medida, interpreta o regionalismo como um excesso de nacionalismo, cuja característica seria deficitária para o pleno desenvolvimento do gênero no país. Tanto o excesso de universalismo, como o excesso de regionalismo são analisados por Candido como consequências do subdesenvolvimento. Em *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*, Anita de Moraes destaca como principal objetivo da *Formação* seria a integração do sistema literário nacional ao sistema literário ocidental, “sem simplesmente depender dos países-fonte (metropolitanos, imperialistas, desenvolvidos), mas também os influenciando (mesmo que não por meio da criação autóctone de formas, apenas por meio de seu refinamento)” (Moraes, 2015, p. 134). Por essa razão, para que ocorra essa relação de reciprocidade entre o sistema ocidental e o sistema nacional, é necessário superar o subdesenvolvimento econômico e, conseqüentemente, cultural. Além do excesso de particularização, a literatura regionalista oscila entre uma idealização do sertão e uma espécie de caricatura dos tipos humanos. Tanto a idealização como a caricatura geram a reificação das relações sociais: “[o regionalismo] tende a anular o aspecto humano em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, [...] É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual” (Candido, 2012, p. 617). A reificação da substância espiritual da qual fala Antonio Candido parece apontar para a perene dialética entre local e universal, uma vez que o regionalismo funciona, na maioria das vezes – com exceção da prosa de Guimarães Rosa, ou de um certo Alencar ou mesmo da produção de Afonso Arinos – como um

transbordamento do particular em detrimento de uma suposta universalidade da forma, tão preconizada pelos nossos críticos desde o século XIX.

Os personagens pobres e a duplicidade linguística estão no centro do problema. A necessidade de sermos aceitos como Ocidentais e entrarmos no rol das grandes literaturas universais sempre rebaixou a estética regionalista por conta da suposta desumanização das suas personagens. Apesar do contexto histórico europeu, tratado por Jacques Rancière, ser completamente distinto da realidade escravocrata brasileira, é interessante pensar que um dos aspectos centrais da passagem da ordem representativa para a ordem estética está justamente na entrada das pessoas comuns e pobres para o centro da ação dramática. De acordo com o teórico, nas intrigas do século XIX, encontramos “a descoberta de uma capacidade inédita de homens e das mulheres do povo de obter formas de experiência que lhes eram, até então, recusadas” (Rancière, 2017, p. 19). No Brasil, retomando a citação da *Formação* de que “quanto à matéria, o romance brasileiro nasceu regionalista e de costumes; ou melhor, pendeu desde cedo para a descrição dos tipos humanos e formas de vida social nas cidades e no campo” (Candido, 2012, p. 586), ou seja, a literatura brasileira nasceu a partir da representação dos de baixo, e isso pode ser lido numa chave estética que compreende as nossas especificidades e a modernidade da nossa prosa. Mas, não tem como pensar a democracia literária a política da nossa ficção desvinculada das nossas especificidades históricas.

PALIMPSESTO

3) Em “A literatura e a formação do homem”, Antonio Candido propõe uma reflexão a respeito de uma possível função formativa de tipo educacional da literatura. Partindo da ideia de que “países civilizados”, palavras de Candido, baseiam sua instrução nas letras, o autor aponta para a possibilidade da literatura ter como função uma espécie de humanização do homem. Para a discussão, a título de exemplo, são mencionados alguns trechos de textos regionalistas que optaram por representar de diferentes maneiras seus personagens. Ao longo da exposição, Candido parece “salvar” o conto de Simões Lopes Neto, por “humanizar” o personagem, enquanto o texto de Coelho Neto traria uma representação pitoresca e exótica. Como você enxerga essa função humanizadora proposta por Antonio Candido através da literatura e em que medida os romances regionalistas do século XIX se aproximam ou se afastam dessa ideia?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Uma das perguntas que Anita Moraes realiza no seu livro, *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido* (2015), é como se daria a humanização do humano em Antonio Candido? Ao longo da sua obra, Candido revela sua imagem de nação, afastada de qualquer diferença que desestabilize a imagem unificada de Brasil preconizada pelos romances urbanos cariocas. A anulação do aspecto humano, denunciada pelo crítico na literatura regionalista, aponta, em última instância, para o desejo do apagamento desse outro que supostamente atrapalharia uma representação de Brasil mais adequada aos padrões universais europeus. A realidade-base-bruta do regionalismo romântico não ganha elaboração suficiente por não conseguir trabalhar adequadamente a forma, o estilo e a expressão literária. Os escritores regionalistas apalpm o país, criando diferentes metáforas e imagens de descoberta e interpretação do Brasil, e a cada nova obra, o Brasil incorpora ainda mais a realidade e consequentemente torna-se mais conhecido de si mesmo.

Candido parece destacar uma visão de nação distinta dos diferentes teóricos do nacionalismo, como Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas*, Eric Hobsbawm em *Nação e nacionalismo* e de Craig Calhoun em “O nacionalismo importa”. Não obstante a diferença entre os três teóricos da nação, ambos concordam que o nacionalismo é que inventa a nação, e não o contrário. Para Candido, o Brasil existe previamente à elaboração artística, mas inconsciente de si. Portanto, o trabalho dos romancistas é dar consciência a esse Brasil que já existe previamente à literatura. Para Calhoun, assim como para Anderson e Hobsbawm, “o nacionalismo é uma formação discursiva que dá forma ao mundo moderno [...] que ajuda a constituir nações como dimensões reais e poderosas da vida social. As nações não existem ‘objetivamente’ antes de existirem em termos discursivos” (Calhoun, 2008, p. 37). A crítica de Fischer ao Brasil unitarista de Candido – “Primeiro de tudo, é um Brasil unitário, considerando o que ele diz sobre a história da literatura” (Fischer, 2021, p. 119) – coincide também com o Brasil como um conceito *a priori*. De acordo com Candido, já existe um Brasil, ele só precisa ganhar espaço na consciência de nossos escritores para que, finalmente, alcancemos a universalidade. Sob este aspecto, tudo o que destoe desse Brasil pré-concebido e unificado deve ser marginalizado, ou civilizado, de forma a adequar-se às exigências da forma literária

europeia. Essa visão da *Formação* fica mais clara com o texto “Literatura e subdesenvolvimento” e “A literatura e a formação do homem”.

O regionalismo brasileiro, se por um lado ganha com o destaque para a matéria bruta brasileira, por outro, muitas vezes, não consegue aclimatar da maneira correta a forma europeia. A tentativa de representação do interior brasileiro realizada por José de Alencar, Franklin Távora e Bernardo Guimarães apresentou elementos importantes na autoidentificação do brasileiro interiorano, no entanto, se essa identificação humaniza, também aliena, justamente pelo subdesenvolvimento e inculta que reina na região rural brasileira. A ideia é pensar a representação dos personagens pobres nos romances regionalistas desvinculada da ideia de humanismo, civilização e progresso.

PALIMPSESTO

4) Ainda sobre a ideia de função, o romance regionalista brasileiro do século XIX parece também apostar nessa concepção na medida em que muitas vezes os autores parecem estar “colados” aos seus narradores. Em *Til*, romance de 1872, de José de Alencar, por exemplo, temos o seguinte trecho: “Não era ele desses que lançavam à conta dos ricos e fartos a culpa da sua pobreza, e se despeitam contra o mundo da ingratidão da fortuna. Aceitava sua condição como um fato natural e com certa filosofia prática, rara em mancebos” (Alencar, 2012, p. 107). Nessa passagem, podemos perceber que há, além da simples narração, uma espécie de intromissão, uma tentativa de moralização do leitor. Você poderia comentar um pouco mais sobre essa característica e como ela se aproxima da ideia de atribuir certa função pedagógica à literatura?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Na ficção de 1870 há uma recorrência da presença do narrador intruso com uma função pedagógica e moralizante. Fernando Cerisara Gil, em *A matéria rural e a formação do romance brasileiro: configurações do romance rural*, caracteriza a forma de narrar do regionalismo oitocentista como hipertrófica: “Um narrador que se poderia chamar de narrador hipertrófico. Com isso quer-se referir à presença excessiva, muitas vezes desmedida e desproporcional do narrador com relação aos outros elementos de composição (personagens, relatos de ação, processos descritivos etc.). Ele contém o narrador intruso, aquele que comenta ou opina, mas o ultrapassa” (Gil, 2020, p. 63). Não

se trata simplesmente de uma intrusão, é mais do que isso, ela se configura de maneira desmedida e desproporcional, o que se relaciona com a especificidade de nossa formação histórica, com os movimentos ideológicos entre o espaço urbano e rural e a violência que perpassa as relações sociais no Brasil. Tudo é controlado pela voz do narrador: personagens, espaço, enredo e tempo.

Nesse aspecto também reside a nossa particularidade em relação ao realismo europeu. Franco Moretti, no famoso ensaio “O século sério”, afirma que a seriedade é configurada formalmente na ficção através da emergência dos preenchimentos. Segundo Moretti, “a bifurcação é um ‘possível desdobramento da trama; o preenchimento não, é aquilo que acontece entre uma mudança e outra” (Moretti, 2009, p. 826). O realismo, sob este aspecto, foi a estética responsável pela proliferação dos preenchimentos, enquanto as bifurcações diminuíram drasticamente. No Brasil, as bifurcações são preponderantes e funcionam como o *modus operandi* da prosa no espaço rural. A ideia da pesquisa é continuar mapeando essas características para pensar numa caracterização de um realismo periférico brasileiro.

PALIMPSESTO

5) Pensando ainda sobre a concepção de “democracia literária”, proposta por Rancière, notamos que, apesar da entrada de personagens populares na ficção, o tratamento dado a eles no regionalismo brasileiro do século XIX não é o mesmo. No romance *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, a personagem principal é descrita da seguinte maneira: “Acha-se ali sozinha e sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça” (Guimarães, 1875, p. 9). A passagem se completa com uma descrição das diversas qualidades e da beleza de Isaura. Mais adiante, no mesmo romance, o jardineiro Belchior é retratado como “um monstrengo afetando formas humanas, um homúnculo em tudo mal construído” (Guimarães, 1875, p. 44). Notamos, portanto, que os personagens principais, ainda que pobres, são representados, na maior parte das vezes, através de descrições românticas, já outros são descritos através de uma prosa tipicamente naturalista e violenta. Como você percebe a relação entre essa ideia de democracia literária, realismo e violência no romance regionalista brasileiro do século XIX?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Ótima pergunta! É justamente essa questão que eu venho tentando responder desde que eu criei o projeto na UERJ. A minha hipótese para essa duplicidade do narrador regionalista do século XIX pode ser pensada a partir do pensamento social brasileiro, em suas diferentes possibilidades interpretativas. A análise da formação social e política brasileira de Oliveira Vianna traz uma tese muito interessante para pensar a conjunção entre democracia literária, realismo e violência. Em *Populações meridionais do Brasil* (1920), uma das teses principais seria de que o Brasil não seria marcadamente formado pela luta de classes, mas pelo conflito entre público e privado. André Botelho, em *O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil* (2019), afirma que o fundamento dessa configuração particular da dominação política brasileira “estaria numa ambiguidade histórica que nos singularizaria: os mesmos processos que tornavam as relações de solidariedade entre a ‘aristocracia senhorial’ e a ‘plebe rural’ frágeis, frouxas, instáveis, desnecessárias no plano econômico (e secundariamente militar ou religioso), concorreriam para fortalecê-las para efeitos políticos” (Botelho, 2019, p. 38).

Retomando o conceito de democracia literária de Rancière, dentro da lógica do sensível, os personagens que praticam as ações na ficção seguem uma hierarquia: “há homens que simplesmente veem a coisa lhes acontecer, uma depois da outra, porque vivem na simples esfera da reprodução da vida”, intitulados homens passivos ou mecânicos, e portanto, são personagens excluídos da ação romanesca. Assim como há os “homens ativos”, ou “os que vivem ao nível da totalidade porque são capazes de conceber grandes fins e de tentar realizá-los enfrentando outras vontades e golpes do acaso” (Rancière, 2017, p. 21). Este seria o cerne político da ordem representativa, a organização aristotélica das ações baseadas numa divisão entre os homens ativos e passivos. Por sua vez, essa maneira de organizar a ficção, segundo Rancière, diz respeito também a uma posição socioeconômica e moral do personagem que está no centro das ações. O romance realista seria justamente um ponto de inflexão desse estado de coisas, ao inserir o que o teórico denomina “democracia literária”: “A democracia literária quer dizer gente demais, excesso de personagens semelhantes a todos os outros, indignos, portanto, de serem distinguidos pela ficção” (Rancière, 2017, p. 22).

Rancière está pensando no desenvolvimento do capitalismo francês, cuja organização social da produção está pautada na luta de classes. No caso brasileiro,

considerando nossa estrutura patrimonial, o conflito entre público e o privado são as formas sociais assumidas pela propriedade fundiária desde a colonização, e isso modifica o plano formal da ficção. Acredito que a violência, a intraduzibilidade da linguagem do sertanejo, do jagunço e do matuto, bem como a presença massiva dos pobres na ficção que são estruturados pelo excesso de bifurcações, são algumas características de nosso realismo periférico no regionalismo de 1870.

PALIMPSESTO

6) Tendo em vista o seu interesse acadêmico pelas formas literárias do regionalismo brasileiro, buscando romper com os paradigmas tradicionais que alimentaram julgamentos negativos sobre a estética regionalista na literatura brasileira, gostaríamos de saber como surgiu na sua trajetória, enquanto pesquisadora e professora de Literatura Brasileira e Teoria Literária, o interesse pelo estudo dos romances regionalistas?

ANA KARLA CARVALHO CANARINOS

Acho que acabei me adiantando e respondendo essa pergunta antes. Bom, de toda forma, o interesse pelo romance regionalista surgiu ainda na graduação, quando eu fiz iniciação científica sob a orientação do professor Fernando Cerisara Gil, na UFPR. Por alguns motivos pessoais, minha trajetória acadêmica seguiu pela poesia. Então eu fiz meu mestrado sobre Sousândrade, sob a orientação da professora Sandra Stroparo, e o tema que mais me chamou a atenção foram as polêmicas críticas em torno do poeta. Acredito que meu mestrado despertou meu interesse pela metacrítica, e por isso, no doutorado, eu estudei os embates da crítica literária brasileira das décadas de 1970 e 1980, na Unicamp, sob a orientação do professor Fabio Durão.

Eu entrei no doutorado em 2018, então boa parte da minha tese foi escrita ao longo da pandemia. Como tudo estava funcionando no formato remoto, eu pude fazer uma disciplina na UERJ com o professor e amigo Nabil Araújo, intitulada “Nação, narração e disseminação” (é engraçado, porque nesse momento eu nem imaginava que seria professora de literatura brasileira justamente da UERJ). A disciplina foi muito importante para a escrita da tese, sobretudo porque lemos vários autores regionalistas pensando na perspectiva da tradução, algo que o Nabil elabora muito bem no artigo “Nacional por tradução” (2025), publicado revista *Gragoatá*. Foi nessa disciplina que eu escrevi meu

capítulo sobre a *Bildung* e a crítica do regionalismo. Por conta disso, após a aprovação no concurso, eu decidi voltar a pesquisar o tema a partir da articulação entre pensamento social brasileiro e teoria literária.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Til: romance brasileiro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.
- ARAÚJO, Nabil. Nacional por tradução. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 67, p. e66804, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/66804>.
- BOTELHO, André. *O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- CALHOUN, Craig. “O nacionalismo importa”. In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Org.). *Nacionalismo no Novo Mundo*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 37-70.
- CANARINOS, Ana Karla. Um debate sobre a intraduzibilidade do regionalismo brasileiro. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 159-179, 2024.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Remate de Males*, Campinas, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- FISCHER, Luís Augusto. *Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio*. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.
- GIL, Fernando Cerisara. *A matéria rural e a formação do romance brasileiro: configurações do romance rural*. Curitiba: Appris, 2020.
- GRIECO, Agripino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1947.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1875. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or43590/or43590.pdf. Acesso em: 12 jan. 2026.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MORAES, Anita de. *Para além das palavras: representação e realidade em Antonio Candido*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

MORETTI, Franco. “O século sério”. Tradução de Denise Bottmann. In: MORETTI, Franco (Org.). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 823-863.

RANCIÈRE, Jacques. *O fio perdido: ensaios sobre a ficção moderna*. Tradução de Marcelo Mori. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

Ana Karla Carvalho Canarinos: graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Letras (Estudos literários), pela mesma instituição, com mestrado em Études Lusophones pela Université Lumière Lyon 2. Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP. É professora Adjunta de Literatura Brasileira na UERJ, onde desenvolve pesquisa em teoria literária e literatura brasileira. É coordenadora da Especialização em Literatura Brasileira (UERJ). Atualmente coordena o projeto Regionalismos e ensino de literatura brasileira. E-mail: anakarla.canarinos@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1999-7213>.

Ana Beatriz Morais de Souza: licenciada em História pela Faculdade de Formação de Professores, da UERJ. Licenciada e graduada em Letras e Francês pela UERJ. Especialista em Literatura Brasileira. Atualmente, é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela UERJ, na área de Teoria da literatura e Literatura comparada, com ênfase na linha de pesquisa Literatura: teoria, crítica e história. Tem como interesse de pesquisa os estudos da obra do autor Lima Barreto, principalmente, envolvendo questões relacionadas à construção das subjetividades negras. E-mail: biamorais15@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0567-0742>.

Ana Carolina Ramiro Amorim: bacharel e licenciada em Letras - Português/Literaturas pela UERJ. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela UERJ, na área de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na linha de pesquisa Poéticas da contemporaneidade. E-mail: ana.ramiro@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0031-9195>.